

EM ASCENSÃO

Peru começa a despontar no cenário latino-americano como um país promissor. Ainda há desafios enormes a serem vencidos, mas o constante crescimento vem chamando atenção de investidores.

TEXTO **ROBERTA PRESCOTT**

FOTOS **EMILIANO HAGGE**



A estabilidade conquistada nas últimas décadas, tanto econômica quanto política, alçou o Peru à posição de destaque na América Latina. De acordo com a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal), o Produto Interno Bruto (PIB) daquele país cresceu, em média, 6,2% por ano entre 2005 e 2014. A inflação está controlada – 3,2% em 2014 – e a taxa de juros está na casa dos 3%. No entanto, o Peru tem desafios importantes a vencer: é um país pobre que tem muita desigualdade social e um alto grau de informalidade no mercado de trabalho. Há também a questão do narcotráfico, que precisa ser combatido.

Ainda que a economia peruana tenha se desgastado no ano passado, crescendo abaixo das expectativas, os analistas acreditam que o Peru seguirá na rota de crescimento e estão otimistas em relação ao desempenho do país. O PIB registrou em dezembro aumento de 0,5% e fechou 2014 com incremento de 2,4%. Portanto, ele está acima da média da América Latina e do Caribe, cujo PIB cresceu 1,1% em 2014 – a taxa de expansão mais baixa desde 2009, segundo a Cepal.

Com abundantes recursos naturais, o Peru se favoreceu da alta dos preços das *commodities* e do crescimento da China, que, durante anos, injetou capital em diversas nações por ser um grande consumidor de petróleo, minério de ferro e outras mercadorias. “O Peru é o segundo maior produtor de cobre do mundo. Ele se beneficiou da alta”, afirma o economista da Moody’s Analytics, Juan Pablo Fuentes.

A retração da economia peruana foi bastante motivada pela queda nos preços das *commodities*, principalmente dos metais, como cobre e outros. O setor primário puxou a economia para baixo em 2014 – a diminuição do PIB nesse segmento foi de 2,3%, sendo que o da pesca caiu 27,9%; o de mineração e hidrocarbonetos, -0,8%; e o de manufatura, -3,3%.

“O PAÍS OPTOU PELA LIBERALIDADE DE MERCADO, POR TER ECONOMIA DE MERCADO E EMPREENDEDORISMO. COM ISSO, A REDUÇÃO DA DESIGUALDADE É MAIS LENTA, MAS ESTÁ OCORRENDO”

ALBERTO PFEIFER, DIRETOR DA LATINUS CONSULTORIA



Para tentar reverter a situação, o presidente Ollanta Humala anunciou um pacote de estímulos avaliado em US\$ 3,9 bilhões, que inclui aumento de 22% dos gastos públicos – o maior nível desde 1977. O governo peruano mantém uma balança fiscal superavitária, o que lhe permite fazer manobras para injetar ânimo na economia e segurar as altas do dólar. Assim, investimentos vêm sendo feitos em infraestrutura sem aumentar a dívida pública. Em meados de fevereiro, segundo dados do Banco Central do Peru, as reservas internacionais lí-

quidas alcançaram US\$ 62,3 bilhões, o equivalente a 30% do PIB e a 18 meses de importações.

O governo também tem apostado nas parcerias público-privadas. Um total de 27 projetos já foi leiloado a um custo de US\$ 19 bilhões e a expectativa é de que esse tipo de investimento alcance 28,3% do PIB até 2017, o que, segundo o J.P. Morgan, vai suportar o crescimento tanto no curto quanto no longo prazo.

Um relatório do J.P. Morgan, de outubro de 2014, aponta que a dívida pública de 19% do PIB em termos brutos, e menos de 5% em termos

reais, cria espaço para uma política fiscal mais expansionista, mas indica também que o governo quer permanecer no superávit fiscal.

Com a economia peruana gerenciada que apresenta sólidos indicadores fiscais, a tendência de aumento no PIB continua. Para este ano, os analistas esperam recuperação econômica, mas divergem quanto à taxa de crescimento do PIB. Enquanto o Banco Central do Peru acredita que a economia vai crescer 4,8% em 2015, a Moody's Analytics fala em um percentual de 4,5% e o J.P. Morgan aposta em um avanço de até 3,7%, salientando que, ainda assim, o Peru seguirá liderando as altas taxas de crescimento na América Latina.

O aumento projetado para o próximo ano leva em consideração alguns fatores que ocorreram em 2014 e que não devem se repetir. A pesca, por exemplo, foi muito afetada pela mudança climática, impactando o PIB. Há um entendimento de que este e outros setores vão se recuperar. “Uma grande pergunta é o que se passará com os investimentos privados que caíram em 2014. O prognóstico oficial é de que haverá uma recuperação”, avalia o oficial de assuntos econômicos da Divisão de Desenvolvimento Econômico da Cepal, Rodrigo Cárcamo-Díaz.

Ainda que os investimentos privados sejam retomados, Cárcamo-Díaz não espera que eles ocorram no setor de mineração. A expansão pode vir de dois grandes projetos de infraestrutura que, em conjunto, somam US\$ 9 bilhões: a construção da Linha 2 do metrô e do gasoduto sul-peruano.

A perspectiva de crescimento dos especialistas também toma por base um cenário macroeconômico que tem se mostrado estável nos últimos 20 anos. “No Peru, parece haver um consenso político do que precisa ser feito para manter a economia estável. Houve um

pouco de receio de que o presidente Humala pudesse ser populista, mas ele está seguindo [a mesma linha]”, explica Fuentes, da Moody's.

O membro fundador do Grupo de Análise de Conjuntura Internacional da USP (GACInt-USP) e diretor da Latinus Consultoria, Alberto Pfeifer, lembra que mesmo os presidentes com apelo populista vêm seguindo uma cartilha econômica mais liberalizante. “O Peru continua se abrindo, fazendo parcerias e promulgando leis que incentivam os investimentos privados”, destaca.

Na avaliação dele, **os governos souberam aproveitar o “boom” dos preços das commodities e investiram no desenvolvimento do setor agrícola**, direcionando-o para bens mais sofisticados e com maior uso de tecnologia. “Hoje, a exportação está mais variada”, defende Pfeifer. Contudo, para Cárcamo-Díaz, da Cepal, há espaço para mais diversificação. “É preciso manter o fluxo de investimentos tanto público quanto privado e diversificar a economia para se ter um balanço maior e enfrentar melhor a queda nos preços das *commodities*”, salienta.

Buscar a internacionalização foi a saída para manter as taxas de expansão do PIB. Acordos comerciais, como o da Aliança do Pacífico, que tem também México, Colômbia e Chile como países-membros, têm gerado oportunidades de investimentos e negócios. “O Peru tem se mostrado um país interessante e promissor para se investir, principalmente quando se observam os vínculos que ele tem”, defende Pfeifer.

DESAFIOS A VENCER

No entanto, apesar do progresso econômico, o Peru permanece com alto índice de pobreza, desigualdade social e, ainda, enfrenta o desafio de combater o narcotráfico, uma ameaça constante à segurança nacional. O país é um

Peru em números

2,4%

Crescimento do PIB em 2014

3,2%

Inflação acumulada em 2014

US\$ 62 BILHÕES

Reservas internacionais

50%

Mão de obra informal

dos principais produtores mundiais da folha de coca e da cocaína. Segundo dados informais, o narcotráfico representava de 2,5% a 6% do PIB em 2011.

A informalidade, que chega aos 50% do total do mercado de trabalho, é outro desafio. Falta ao Peru resolver questões importantes sobre o que fazer para as pessoas ingressarem formalmente no mercado e como aumentar a produtividade. Analistas afirmam que seria preciso aprovar a reforma trabalhista, o que é improvável ocorrer um ano antes da eleição presidencial. Além disso, é necessário melhorar o nível educacional da população.

“A América Latina precisa fazer uma reforma trabalhista, mas esse tema é quase tabu na região. No Peru, os custos são muito elevados para as empresas. Elas pagam o dobro [do salário do empregado em função dos impostos] e, por isso, pensam muito antes de contratar alguém”, defende Fuentes.

“O país optou pela liberalidade de mercado, por ter economia de mercado e empreendedorismo. Com isso, a redução da desigualdade é mais lenta, mas está ocorrendo”, pontua Pfeifer. Para ele, o Peru conta com receitas suficientes para dar conta de sua dívida social e que, seguindo a linha atual de condução econômica, dentro de 20 ou 30 anos o país será de classe média. “Comparando com 20 anos atrás, houve muito crescimento, mas há uma população indígena muito pobre.”

Ainda que seja impactado pela queda nos preços das *commodities* e pela desaceleração da China, o Peru continua sendo uma opção atraente para investimentos estrangeiros. O aumento do consumo interno, a estabilidade macroeconômica, a baixa inflação e a projeção de crescimento do PIB acima da média dos países da região têm despertado interesse sobre o País. [8]